

A GRAMÁTICA NAS CRENÇAS DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA EM FORMAÇÃO INICIAL

Soraia da Silva Sousa¹

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de um estudo sobre as crenças de professores de língua portuguesa em formação inicial, no curso de Licenciatura em Letras Vernáculas, da Universidade Federal da Bahia. O que está em foco são as crenças desses sujeitos sobre *gramática*, as quais foram diagnosticadas em dois momentos específicos: no ingresso do curso e após dois semestres de formação. A partir dessa investigação foi possível identificar quais concepções serviram como referência para a formulação das crenças apresentadas sobre esse construto; os impactos que as experiências e saberes interpretados nessa fase da graduação causam sobre tais crenças e fazer uma estimativa dos efeitos que elas ocasionarão caso sejam adotadas para orientar suas ações nas aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Gramática. Crenças. Formação de professores.

Abstract: This paper presents the results of a study on the beliefs the portuguese teachers' in initial training at the bachelor's degree in Language Vernacular of Federal University of Bahia. That is in focus are the beliefs about *grammar* on these subjects, which were diagnosed in two specific moments. From this research it was possible to identify which concepts served as reference for the formulation of beliefs presented on this construct; the impact that the experiences and knowledge interpreted this phase graduation cause of such beliefs and to estimate the effects they cause if they are adopted to guide their actions.

Keywords: Grammar. Beliefs. Training.

Introdução

As interações experimentadas pelo ser humano, ao longo do processo de maturação e socialização, o potencializam para a formulação e interiorização de crenças, as quais exercem influência significativa sobre a impressão que ele tem de si, a sua percepção do mundo físico e social e sobre a avaliação que faz dos fatores que propiciam a aprendizagem de línguas. Tais crenças não resultam da atividade isolada, exclusiva das estruturas cognitivas, mas decorrem do entrelaçamento fecundo entre elementos biológicos, psíquicos, afetivos e socioculturais. As interações sociais também podem favorecer a modificação ou a eliminação de crenças.

¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia-UFBA, Salvador/Bahia/Brasil. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Língua Cultura e Ensino-LINCE/UFBA. Atualmente, está desenvolvendo a pesquisa intitulada *A escrita nas crenças de professores de Língua Portuguesa em formação*, orientada pela Prof.^a Dr.^a Edleise Mendes. Contato: e-mail: soraia.ssa@hotmail.com

O estudo das crenças tem sido o foco de interesse de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento e, dessa forma, a produção de pesquisas que abordam essa temática tem aumentado.

Graças ao diligente trabalho de pesquisadores da área da Linguística Aplicada (LA), os quais têm produzido investigações voltadas, dentre outros aspectos para o escrutínio, revelação e análise das crenças de professores, tanto em formação inicial como em serviço, é que tem sido possível dar passos mais firmes no longo caminho que precisamos trilhar em direção ao conhecimento das teorias informais, ou seja, das crenças que permeiam o pensamento dos professores, a sua forma de planejar e que motivam as suas estratégias para a tomada de decisões.

Neste artigo, são apresentadas as reflexões construídas a partir da realização de uma pesquisa, de natureza etnográfica, que teve como objetivo geral identificar as crenças sobre *língua, leitura, gramática e escrita* de professores de língua portuguesa em dois estágios de formação no curso de Licenciatura em Letras Vernáculas. É cabível elucidar que é exposto, aqui, um recorte dessa investigação. Comentamos, apenas, os resultados relativos às crenças desses professores sobre *gramática*.²

O presente artigo está estruturado em cinco seções. Após esta parte introdutória, apresentamos um breve relato do percurso histórico do estudo das crenças na área da Linguística Aplicada; em seguida, descrevemos a pesquisa realizada revelando os objetivos e perguntas que nortearam o estudo, a orientação teórico-metodológica adotada, os instrumentos de pesquisa, os procedimentos para geração e análise dos dados e as características do contexto de formação e dos participantes. Explicitamos, na seção seguinte, os resultados da pesquisa e, nas considerações finais, tecemos reflexões sobre a experiência alcançada com a realização da pesquisa, a importância da continuidade de investigações dessa natureza e suas contribuições para a formação de professores.

A trajetória do estudo das crenças de professores e aprendizes na área da Linguística Aplicada – Breve histórico

Os estudos sobre crenças, situados na área da Linguística Aplicada (LA), começaram a ser produzidos nas décadas finais do século passado. Conforme atestam as palavras de Barcelos (2004):

² A dissertação que apresenta a pesquisa realizada foi defendida no Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA). Para ter acesso ao arquivo da dissertação em pdf basta acessar o endereço eletrônico: <http://www.repositorio.ufba.br>

Pode-se dizer que o início dessa pesquisa se deu em meados dos anos 80, no exterior, e em meados dos anos 90, no Brasil. Observando-se os anais do Congresso da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) de 1995, não se encontra nenhuma referência e estudos a respeito de crenças. Já no congresso da ALAB de 1997, havia pelo menos quatro trabalhos a respeito de crenças sobre a aprendizagem de línguas. Além disso, desde 1995, o número de dissertações e teses a esse respeito tem crescido bastante [...]. Isso mostra, mais uma vez a importância desse conceito no Brasil e o crescente interesse por ele. (BARCELOS, 2004, p. 124).

Desde os anos iniciais até o presente momento, testemunhamos que, além dos trabalhos sobre a aprendizagem de línguas, têm surgindo na LA estudos sobre crenças específicas, as quais vêm sendo investigadas em variados contextos educativos e mediante a utilização de uma multiplicidade de instrumentos para a geração de dados. Temos, atualmente, um considerável conjunto teórico de produções sobre crenças, o qual é quantitativamente superior ao que tínhamos em períodos anteriores.

Cronologicamente, o percurso do estudo sobre as crenças, na LA, no contexto brasileiro, está estruturado em três diferentes períodos. Está agrupada, no quadro abaixo, a duração de cada um deles, conforme é identificado por Barcelos (2007, p.28):

Percurso histórico do estudo das crenças na Linguística Aplicada	
Períodos	Duração
Inicial	de 1990 a 1995
Desenvolvimento e Consolidação	de 1996 a 2001
Expansão	de 2002 até o presente

Quadro 1 – Diferentes períodos do percurso histórico do estudo das crenças na LA.

A referida autora afirma que o início da investigação desse conceito não foi uma tarefa fácil, devido, principalmente, ao fato de não termos aqui muitos estudos a esse respeito. Assim, no *Período Inicial*, conforme explica Barcelos (2007, p.30) “alguns trabalhos existentes e pioneiros abordaram o assunto de forma periférica, enquanto outros estudaram as crenças adotando o conceito de cultura de aprender”.

Uma produção relevante, nesse período, foi o artigo publicado no periódico: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, escrito por Leffa (1991), o qual analisou as narrativas de alunos de uma escola pública. De acordo com as explicações de Silva (2007), esse trabalho:

[...] investigou as concepções de alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental (5ª série) e mostra que, mesmo antes de iniciar o estudo de uma LE, eles já trazem concepções sobre língua, linguagem e aprendizagem de línguas. (SILVA, 2007, p. 251).

Posteriormente a esse estudo, foram produzidos significativos trabalhos que tangenciam as concepções sobre a aprendizagem de línguas.

No âmbito internacional, evidencia-se também o crescente interesse de pesquisadores pelo estudo das crenças, o qual é confirmado pela realização de eventos e publicações que discutem esse assunto, como lembra Silva (2010):

[...] na conferência da Associação Internacional de LA, realizada em 1999, no Japão (Tóquio), ‘houve um simpósio sobre crenças de aprendizagem de línguas’ que contou com a participação de renomados estudiosos da LA (Gaies, Sakui, Barcelos, Benson, Cotteral, Ellis, Horwitz, Hosenfeld, Midorikawa, Mori, Robson, Shaw, Victori, Wenden; entre outros), ‘e, mais tarde, no mesmo ano foi publicado um volume do periódico *System*, dedicado às crenças sobre aprendizagem de línguas’. (SILVA, 2010, p. 25).

Segundo a observação de Barcelos (2007, p. 35), no contexto brasileiro, nesse *Período Inicial*, “todos os estudos, com exceção de Leffa (1991) tratam de professores pré-serviço ou em serviço.”³

No *Período de Desenvolvimento e Consolidação* (de 1996 a 2001), tivemos um expressivo incremento do número de pesquisas sobre crenças, com diferenciados enfoques. De acordo com Barcelos (2007), esse período agrega estudos com as seguintes características:

- Foco nas culturas de aprender (Garcia, 1999), ensinar (Félix, 1998; Reynald, 1998) e avaliar (Rolim, 1998);
- Utilização do BALLI para investigar as crenças de alunos de Letras em uma instituição (Carvalho, 2000), comparar as crenças de alunos de instituições diferentes (Silva, 2000), investigar a relação entre crenças, autonomia e motivação (Moreira, 2000);
- Crenças de alunos em contexto de ensino médio (Cunha, 1998);
- Crenças mais específicas, como por exemplo, crença a respeito do bom professor de línguas (Silva, 2000), crenças de alunos e professores sobre escola pública (Custódio, 2001), iniciando assim uma tônica que irá se consolidar em outros estudos sobre crenças mais específicas no período de expansão [...];
- Primeiros estudos de crenças a respeito de outras línguas estrangeiras: espanhol (Marques, 2001) e francês (Saquetti, 1997). (BARCELOS, 2007, p. 36).⁴

No que tange, especificamente, à investigação das crenças de professores, há, nesse período, um significativo número de estudos realizados com sujeitos atuantes em instituições

³Barcelos (2007, p. 35) utiliza o termo professores pré-serviço para referir-se aos estudantes de Letras que estão se preparando para serem professores. Lembramos que adotamos o termo: *professores em formação inicial*, para designar os estudantes de Letras que participam da nossa pesquisa.

⁴ As referências dos teóricos mencionados nessa citação encontram-se em Barcelos (2007, p. 63-69). Nessa mesma obra, Barcelos (p. 45) comenta que o questionário BALLI (*Beliefs about Language Learning Inventory* – Inventário de Crenças sobre Aprendizagem de Línguas), desenvolvido por Horwitz (1985), foi um dos instrumentos mais utilizados (na íntegra ou em versões adaptadas) na investigação de crenças nesse período; contudo, essa intensidade diminuiu no *Período de Expansão*.

públicas, nos quais os pesquisadores utilizaram, em conjunto, vários instrumentos (questionários, entrevistas, anotações de campo e observação e gravação - em áudio ou vídeo - da atuação docente daqueles que já se encontravam em serviço) para a geração dos dados.

É importante ressaltar que as pesquisas que investigam as crenças de professores em formação inicial têm como participantes os professores que estavam em fase de conclusão do curso de Letras.

O último ano desse período (2001) coincide com o momento no qual é realizado, na capital mineira, mais um evento significativo na área da LA: o Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA). Segundo a análise feita por Silva (2010):

No ano de 2001, o CBLA contou com a participação de inúmeros pesquisadores, sendo que foram apresentados três trabalhos sobre CEAL. Neste evento, pela primeira vez esse importante tópico fez parte de uma conferência. (SILVA, 2010, p. 23).⁵

Como vimos, no *Período de Desenvolvimento e Consolidação*, frutificaram-se os estudos sobre crenças, na LA, com defesas de dissertações abordando essa temática, em diferentes universidades brasileiras.

O interesse pelo estudo das crenças ampliou-se, ainda mais, no momento subsequente, ou seja, a partir do *Período de Expansão* (de 2002 até o presente), no qual podemos evidenciar a vitalidade desse construto, principalmente pelo significativo aumento de trabalhos apresentados em publicações periódicas e em coletâneas. Essas produções são, em grande parte, fruto de pesquisas que movimentam a agenda dos programas de pós-graduação *Stricto Sensu* (mestrado e doutorado), com as defesas de dissertações e teses sobre crenças. Os resultados dessas pesquisas ganham maior circulação no país, inclusive em forma de artigos (de livros e de revistas impressas ou eletrônicas), graças ao empenho de respeitados estudiosos, atuantes na área da LA, para divulgá-los.

Há, nesse período, um substancial crescimento do interesse em investigar as crenças presentes na formação de professores e sobre os aspectos específicos que envolvem a aprendizagem de variadas línguas, como confirma Barcelos (2007):

Uma característica marcante dos estudos desse período diz respeito ao aumento da investigação de crenças mais específicas como crenças sobre vocabulário (Vechetini, 2005; Conceição, 2004), gramática (Carrazai, 2002), bom aluno (Araújo, 2004), apenas para citar algumas. Este é o período com

⁵A sigla CEAL, utilizada por Silva (2010), significa Crenças sobre Ensino e Aprendizagem de Línguas. A conferência realizada sobre esse tópico foi proferida pela Prof^a. Dr^a. Ana Maria Ferreira Barcelos, com o título: *Crenças sobre aprendizagem de línguas, Linguística Aplicada e ensino de línguas estrangeiras*.

maior número de dissertações e com a primeira tese sobre crenças defendida no Brasil (Conceição, 2004). (BARCELOS, 2007, p. 45).⁶

No que tange, especificamente, aos estudos que tiveram como participantes os professores em formação inicial, encontramos, nesse *Período de Expansão*, valiosas pesquisas que revelam, dentre outros aspectos: as prováveis origens das crenças progressas ao processo de formação na graduação; fecundas reflexões acerca das crenças que tais sujeitos cultivam sobre o ensino de línguas; sobre o curso de Letras; sobre a capacitação para a atuação docente etc.

É válido ressaltar que recortes de alguns estudos envolvendo participantes nessa condição são apresentados em forma de artigo na coletânea organizada por Barcelos e Vieira-Abraão (2006), intitulada: *Crenças e Ensino de Línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Essa obra é de seminal importância e tem sido frequentemente consultada por estudiosos da LA, pois é a primeira coletânea publicada, no contexto brasileiro, sobre crenças no ensino de línguas.⁷

Outro valioso material é a coletânea intitulada: *Linguística Aplicada: múltiplos olhares*. Esta obra foi organizada por Alvarez e Silva (2007) e traz, além do artigo de autoria de Alvarez, nomeado: *Crenças, motivações e expectativas de alunos de um curso de formação Letras/ Espanhol* - o qual apresenta os resultados parciais de um estudo realizado com professores em formação inicial, que procurou detectar e investigar as crenças, mitos, motivações e expectativas dos estudantes de Letras/ espanhol de uma universidade do Distrito Federal - mais um que discorre sobre crenças, de autoria de Barcelos, cujo título é: *Crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas: reflexões de uma década de pesquisas no Brasil*. Seu lançamento ocorreu no CBLA, realizado na Universidade de Brasília (UnB), em 2007. Nesse evento, pela segunda vez, a importante temática das crenças na aprendizagem de línguas foi discutida em uma conferência.⁸

Ao olhar para as pesquisas aqui arroladas, podemos constatar que os estudos realizados nesse *Período de Expansão* foram desenvolvidos em diferentes contextos, utilizam

⁶As referências dos teóricos mencionados nessa citação encontram-se em Barcelos (2007, p. 63-69).

⁷É importante asseverar, também, que outros periódicos, por exemplo: a *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*; *Trabalhos em Linguística Aplicada*; *DELTA*; *The ESpecialist*; *Horizontes de Linguística Aplicada* e a revista *Contexturas: Ensino Crítico de Língua Inglesa* têm sido instrumentos prodigiosos na veiculação de vários trabalhos da LA, que apresentam implicações teóricas e práticas acerca de pesquisas sobre crenças presentes no ensino e na aprendizagem de línguas e sobre a formação de professores, sobretudo nesse *Período de Expansão*.

⁸A conferência apresentada sobre essa temática foi proferida pela Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Ferreira Barcelos, com o título: *Desafios e perspectivas na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas*. Segundo Silva (2010, p.24), nesse evento tivemos, ainda, a apresentação de 12 simpósios, 9 comunicações individuais e 2 pôsteres com estudos sobre crenças.

diversificados instrumentos para a geração de dados, revelam crenças específicas de diferentes sujeitos (professores em serviço, em formação inicial) e apresentam um arcabouço teórico com reflexões sobre a formação de professores.

Convém lembrar que o *Período de Expansão* não findou, pois se prolonga em nossos dias, ainda sinalizando que estamos em um momento frutífero para o estudo das crenças.

Recentemente, ao fazer um balanço das pesquisas sobre crenças, mediante uma análise documental, Silva (2010) teceu algumas observações sobre novas fronteiras, ou seja, sobre alguns caminhos que caracterizam a atual agenda de pesquisas dessa temática. Esse autor informa que:

[...] A grande maioria dos estudos investigam o ensino de língua inglesa, embora já seja possível elencarmos alguns estudos que tiveram como cerne o ensino e aprendizagem de outras LEs: o francês (Santos, 1997; Saquetti, 1997, o italiano (Bedran, 2008; Veloso, 2007), o alemão (Rozenfeld, 2007), espanhol (Carraro, 2007; Taset, 2006; Nonemacher, 2002; Marques, 2001) e o português para falantes de outras línguas (Mendes, 2009; Mesquita, 2008). Em nossa concepção é necessário que se investigue o ensino de outras línguas, especialmente a língua brasileira de sinais (Libras), línguas indígenas e especialmente do ensino e da aprendizagem de língua portuguesa como língua materna ou como língua internacional. (SILVA, 2010, p. 68).

Concordamos com as observações feitas por Silva (2010) principalmente no que tange à língua portuguesa porque entendemos que o aumento de investigações que revelem como as crenças interferem no processo de sua aprendizagem em nossas escolas pode, ainda, servir para que sejam encaminhadas ações no intuito de desfazer imagens negativas que professores e alunos têm sobre esse processo e favorecer a melhoria da qualidade do ensino dessa língua.

Objetivos e orientação teórico – metodológica da investigação

Neste artigo, expomos, apenas, as reflexões provindas do alcance do propósito de examinar as crenças de professores em formação inicial sobre o construto *gramática*. Essa análise representa uma parte integrante de uma pesquisa mais extensa que tem como objetivo geral: Identificar as concepções e crenças sobre *língua, leitura, gramática e escrita* de professores de Língua Portuguesa em dois estágios de formação. Esse objetivo amplo congrega alguns propósitos e intenções essenciais, descritos como objetivos específicos são eles: a) Examinar quais as crenças sobre *língua, leitura, gramática e escrita* de professores de Língua Portuguesa em formação no ingresso do primeiro semestre e no início do terceiro semestre do curso de graduação em Licenciatura em Letras Vernáculas; b) Analisar quais os impactos que algumas disciplinas do campo dos estudos linguísticos causam na transformação

das crenças cultivadas pelos professores em formação; c) Investigar a relação entre formação inicial X crenças.

O estudo em foco se insere na abordagem qualitativa de pesquisa. Ao relacionar as características das pesquisas que estão inseridas na perspectiva qualitativa, Vieira-Abrahão (2006) menciona que, apesar de existirem diferentes abordagens, elas reúnem aspectos comuns:

a) são naturalistas, ou seja, são realizadas dentro de contextos naturais; b) são descritivas, ou melhor, os dados coletados tomam a forma de palavras ou figuras e não números; c) são processuais não se preocupando com resultados ou produtos; d) são indutivas, ou seja, os dados são analisados indutivamente, sem buscar evidências que comprovem ou não hipóteses previamente estabelecidas; e) buscam significados, ou melhor, são voltadas para as maneiras como os participantes envolvidos constroem significados de suas ações e de suas vidas. [...] São incluídos nesse paradigma o estudo de caso, a pesquisa-ação e a pesquisa etnográfica. (VIEIRA-ABRAHÃO, 2006, p. 220).

Alguns desses aspectos listados por Vieira-Abrahão (2006) estão presentes nessa investigação sobre as crenças de professores em formação. Foram produzidos significados a partir da compreensão das crenças manifestas nas afirmações escritas e nas palavras expressas pelos professores em formação em um ambiente natural (contexto acadêmico) e identificado o laço coesivo que elas mantêm com as diferentes concepções de linguagem.

Também procedemos à compreensão da percepção desses sujeitos sobre o comportamento das crenças diagnosticadas em dois momentos específicos (ao ingressarem no curso e, após dois semestres de formação), e das contribuições das experiências vivenciadas no curso para a sua formação docente, mediante a triangulação dos respectivos dados gerados com a utilização dos diferentes instrumentos: questionários e entrevistas semi-estruturadas. Os dados quantitativos foram também incluídos nas análises e serviram para auxiliar as argumentações.

Realizamos também a análise dos planos de curso das disciplinas dos três semestres iniciais do curso, através da qual pudemos detectar a perspectiva a partir da qual os conteúdos selecionados são abordados.

Os dados gerados foram analisados e confrontados com as teorias que tratam do estudo das crenças e da formação de professores de língua materna.

Contexto e participantes da pesquisa

A investigação foi realizada na Universidade Federal da Bahia (UFBA), instituição pública que desenvolve atividades nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.

Trabalhamos com os estudantes do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas, ingressantes no primeiro semestre do ano de dois mil e nove, pois nos interessava identificar e compreender as crenças que estes sujeitos trouxeram quando iniciaram o processo de formação inicial.⁹

Nesse curso, o elenco de componentes do seu currículo é formado por disciplinas obrigatórias (teóricas, práticas, pedagógicas) que versam sobre os estudos linguísticos, literários, técnicas de pesquisa e a práxis pedagógica, além de disciplinas optativas (teóricas, práticas, pedagógicas) e atividades complementares.

A escolha por esse curso foi motivada pelo fato de reconhecer que na área da LA, no contexto brasileiro, a maioria das investigações, já produzidas, envolvendo professores em formação inicial, volta-se para o estudo das suas crenças sobre o ensino e a aprendizagem de Língua Estrangeira, o que, a nosso ver, justificou a necessidade da realização do estudo, o qual traz reflexões sobre as crenças e a formação daqueles que atuarão no ensino da Língua Portuguesa como língua materna.

O primeiro momento da investigação foi realizado com um total de oitenta (80) estudantes de três turmas diferentes (sendo cada turma correspondente a um turno específico: matutino, vespertino e noturno), as quais foram escolhidas aleatoriamente.

No segundo encontro, contamos, nesse momento, com a participação de trinta e três sujeitos. Somente compuseram a amostra investigada, no segundo momento da pesquisa, aqueles que atendiam aos seguintes requisitos: a) ter cursado e alcançado a aprovação em todas as disciplinas do primeiro semestre; b) ter cursado e obtido aprovação perfazendo um crédito equivalente ou superior a cinquenta por cento das disciplinas do segundo semestre; c) estar regulamente matriculado para cursar o terceiro semestre.

Resultados da Pesquisa

Primeiro momento da investigação: *gramática*, as crenças dos ingressantes

Quanto aos significados apresentados para *gramática*, observamos que os sujeitos investigados no início de sua formação apresentaram variadas declarações para definir esse termo, as quais foram agrupadas por diferentes categorias de crenças, e, com a apresentação

⁹Atualmente, esses sujeitos estão concluindo o curso. Estamos dando continuidade ao estudo examinando as suas crenças nessa fase e acompanhando a sua atuação docente no Estágio Curricular. Dessa forma, tem sido possível identificar como suas crenças orientam as suas ações para o ensino da gramática. As análises das observações realizadas serão divulgadas em uma próxima publicação.

de alguns excertos, mostramos, aqui, o entrelaçamento que essas respostas possuem com tais categorias.

A nossa intenção ao estabelecer algumas categorias organizadoras para a compreensão do sentido de *gramática* está atrelada à possibilidade de analisar as representações dos participantes da pesquisa e agrupá-las de modo coerente, com o objetivo de mapear as crenças reveladas. Não trabalhamos, portanto, com definições fechadas e definitivas, mas com visões mais amplas e flexíveis, que trazem em si uma variedade de formulações as quais, de modo geral, apresentam características em comum, embora diversificadas na forma como foram redigidas.

Assim, ao selecionar, por exemplo, a categoria de compreensão da *gramática* como *conjunto de estruturas e regras de uma língua*, aí incluímos uma variedade de respostas que, em sua essência, trazem esses modos de ver a *gramática*.

De acordo com o que esclarecemos, organizamos as afirmações desses sujeitos, as quais apontam, inicialmente, que a *gramática* pode ser entendida como:

a) *Conjunto de estruturas e regras de uma língua*, como mostram os excertos a seguir:

A2: “*Conjunto de regras ou estrutura de uma língua*”.

A42: “*Regras da Língua Portuguesa*”.

A61: “*São as regras estabelecidas para a execução da fala e da escrita*”.

b) *Normas que regem o uso correto da língua, oralmente e por escrito*. Podemos identificar essa categoria pelas respostas apresentadas por:

A16: “*Um conjunto de normas e padrões estabelecidos à sociedade e considerados corretos*”.

A67: “*É a que impõe as regras, determina as normas cultas, como cada palavra deve ser escrita, a estrutura de uma frase, de um texto*”.

A72: “*É um conjunto de normas escritas que possuem a função de prescrever como se fala e se grafa a língua culta, o idioma-padrão*”.

c) *Área de estudo da Linguística; área que estuda o uso da linguagem*. É possível conferir a presença desta categoria nas respostas mencionadas pelos seguintes sujeitos:

A1: “*Uma área que se interessa pelo uso da linguagem*”.

A35: “*É a sistematização do estudo de uma língua, que serve como referência para estudos, análises de uma língua*”.

A50: “*Estudo sobre regras do português falado e escrito*”.

d) *Livro que reúne e determina as regras de uma língua*. Nesta categoria, a *gramática* é considerada como um compêndio que fixa normas da língua. Evidenciamos esse aspecto nas respostas de:

A48: “*Livro para consultas como: estruturas frasais, maneira de como devemos escrever corretamente. Serve para a utilização de verificação de normas ortográficas*”.

A56: “*Manual. É um livro de consultas quando se tem dúvida ou interesse em saber ou identificar alguma regra ou norma*”.

A63: “*É o manual onde contém as regras para que se possa falar e escrever da forma correta*”.

Os participantes apresentam outras respostas sobre *gramática*, nas quais a sua definição é apresentada de modo genérico, amplo. Por não se enquadrarem nas categorias anteriores, agrupamos essas respostas como:

e) *Crenças desfocadas*. Podemos identificar isso através das afirmações:

A55: “*É a forma organizada que se dá à escrita*”.

A49: “*É guardiã da linguagem*”.

Expomos as categorias de crenças sobre a *gramática* na Tabela - 1, na qual são reveladas, ainda, a intensidade com que elas são flagradas nas respostas dos professores em formação - ingressantes:

Crenças sobre Gramática	Número de citações	Percentual
Normas que regem o uso correto da língua, oralmente e por escrito	54	67,5%
Conjunto de estruturas e regras de uma língua	13	16,2%
Livro que reúne e determina as regras de uma língua	7	8,8%
Área de estudo da Linguística; área que estuda o uso da linguagem	4	5,0%
Crenças desfocadas	2	2,5%
Total	80	100%

Tabela 1- Crenças sobre *gramática* de ingressantes no curso de Letras Vernáculas

Diante da análise que fizemos, é possível constatar que a maioria dos ingressantes crê que a *gramática* apresenta uma natureza coercitiva, uma vez que estabelece normas ou regras, as quais devem ser tomadas como referência pelos usuários da língua que desejam falar e escrever “corretamente”.

Tais normas estão associadas à variedade padrão, culta, mais prestigiada socialmente. Dessa maneira, quaisquer outras formas diferentes desse modelo são entendidas como “erro”. Esses participantes não fazem menção explícita, ou seja, não destacam em suas respostas, a validade do uso gramatical que está presente em expressões textuais construídas em outras variedades linguísticas.

Acreditamos que os professores em formação - ingressantes trouxeram essas crenças porque esse modelo de definição de gramática, por muito tempo, esteve, e ainda está presente em muitas gramáticas pedagógicas e em livros didáticos adotados para o ensino fundamental e médio. Além disso, é possível que, durante a sua passagem pela escola, eles tenham experimentado práticas nas quais o ensino da gramática foi exercitado sob o prisma da correção, com a finalidade de tomá-la como referência para classificar positiva ou negativamente o que acontece na escrita e na fala. Recorremos às palavras de Antunes (2003) para ratificar que, tradicionalmente, o trabalho com a gramática tem girado em torno de atividades que a consideram, dentre outros aspectos, como:

[...] predominantemente prescritiva, preocupada apenas com marcar o “certo” e o “errado”, dicotomicamente extremados, como se falar e escrever bem fosse apenas uma questão de falar e escrever corretamente, não importando o que se diz, como se diz, quando se diz e se tem algo a dizer. (ANTUNES, 2003, p. 33).

E, para além da escola, em outras instâncias, o tratamento dado à gramática fortalece a crença de que a finalidade do seu estudo está centrada na tarefa de executar “consertos”, para “polir” a língua. A esse respeito, Silva (2008) faz um comentário importante, o qual se coaduna com o que acabamos de afirmar:

Ademais, pelo sucesso que fazem os programas de televisão que contratam professores tradicionais para o exercício de correção de frases, permanece na sociedade a convicção de que o ensino fundamental deve ter como objetivo ensinar a falar e escrever segundo as regras da Gramática Normativa. Ela ainda é persuadida de que é pelo conhecimento da análise gramatical que se aprende a ler, a escrever, e a falar. Para ela, por conseguinte, o objetivo do ensino da Língua Portuguesa é ainda o saber gramatical [...]. (SILVA, 2008, p.174).

Sem dúvida, uma parcela significativa dos ingressantes no curso de Licenciatura em Letras reage com aceitação a essa visão cultivada sobre a *gramática*, e formula crenças influenciadas por essa noção.

Somente um pequeno grupo, apenas treze participantes apresentam respostas que podem ser vinculadas ao princípio de que a língua compreende um conjunto de regras gramaticais que são combinadas na estruturação de enunciados, as quais especificam o seu funcionamento. Tal princípio é afirmado por Antunes (2003):

Toda língua tem sua gramática, tem seu conjunto de regras, independentemente do prestígio social ou do nível de desenvolvimento econômico e cultural da comunidade que é falada. Quer dizer, não existe língua sem gramática. (ANTUNES, 2003, p. 85).

Nesse sentido, é necessário ressaltar que todas as circunstâncias de uso interacional da língua que possibilita a construção da identidade cultural dos grupos sociais são reguladas por regras, que não são rígidas, imutáveis, mas funcionais, modificam-se para atender à finalidade do evento de uso da língua e o objetivo de seus usuários. Como vimos, poucos participantes fazem menção a esses aspectos das regras gramaticais.

Segundo momento da pesquisa: as crenças dos professores sobre *gramática* após dois semestres de formação

Quanto à significação da *gramática*, notamos, através da análise das respostas, que os professores em formação no terceiro semestre apresentam variadas afirmativas para ilustrar a maneira como a compreendem.

Agrupamos, também, por categorias de crenças, tais respostas, as quais revelam o sentido que atribuem à *gramática*. Através da utilização dos excertos, torna-se evidente para quais categorias tais formulações convergem.

De acordo com as variadas respostas, os professores em formação revelam que a *gramática* pode ser entendida como:

- a) *Conjunto de estruturas e regras de uma língua*, segundo afirmam:

A12: “*Conjunto de regras estabelecidas de forma formal de uma língua*”.

A67: “*Conjunto de regras de uma língua, indicando sua forma gramatical*”.

- b) *Normas que regem o uso correto da língua, oralmente e por escrito*. Estão de acordo com as afirmações feitas por:

A16: “*Sistema de regras e normas padrões estabelecidas e vistas como corretas por uma parte dos estudiosos da língua (gramáticos) e que, ainda hoje, devem ser seguidas por aqueles que almejam o ‘bem falar’*”.

A64: “*Norma a ser seguida para a prática da boa escrita*”.

A71: “*Conjunto de normas e regras em que se ensina a utilização da língua de forma ‘correta’*”.

- c) *Capacidade que os humanos possuem; sistema internalizado*. Identificamos essa crença nas respostas de:

A15: “*É a capacidade que todos os seres humanos têm de falar uma língua natural*”.

A22: “*É um sistema internalizado*”.

- d) *Livro que reúne e determina as regras de uma língua*. Nesta crença, a *gramática* é representada na figura de um manual, o qual armazena as normas da língua. Observamos essa afirmação em:

A10: “A gramática possui diversas acepções que irão depender do ponto de vista adotado, mas a principal é a de que se trata de um livro constituído de normas e regras que definem o uso adequado da língua”.

A38: “Livro que geralmente é utilizado como instrumento para se ditar regras de como se escrever e falar de maneira adequada”.

As respostas que apresentavam a definição de *gramática*, de forma imprecisa, vaga, ou de modo genérico, e que não apontavam para nenhuma das categorias de crenças dentre as que foram estabelecidas, agrupamos como:

e) *Crenças desfocadas*. Isso é revelado na resposta:

A59: “É o português na sua ciência”.

As categorias de crenças sobre *gramática* seguem elencadas na tabela abaixo, na qual é revelada a frequência e o percentual com que elas são mencionadas nas respostas dos professores em formação no terceiro semestre:

Crenças sobre Gramática	Número de citações	Percentual
Normas que regem o uso correto da língua, oralmente e por escrito	17	51,5%
Capacidade que os humanos possuem; sistema internalizado	7	21,2%
Conjunto de estruturas e regras de uma língua	5	15,1%
Livro que reúne e determina as regras de uma língua	2	6,1%
Crenças desfocadas	2	6,1%
Total	33	100%

Tabela 2- Crenças sobre *gramática* de professores em formação no terceiro semestre

Mediante o exame dessas citações, é possível afirmar que estes sujeitos conservam a crença de que a *gramática* possui uma natureza prescritiva por impingir à língua a manutenção de regras fixas, as quais funcionam como balizas para evitar corruptelas em seu uso.

Observamos que as respostas apresentadas pelos professores em formação no terceiro semestre, para significar a *gramática*, convergem para as crenças que outrora foram desveladas no primeiro momento da investigação.

A seguir, podemos visualizar que, de um modo geral, o conjunto de crenças sobre a *gramática* apresenta poucas alterações nos dois universos investigados, havendo, no entanto, no segundo momento, o aparecimento da crença que considera a *gramática* como uma capacidade interna, inerente ao falante, e nenhuma menção que apontasse a crença de que a

gramática poderia ser compreendida como a área de estudo da Linguística. Examinemos, pois, o quadro – 2, a seguir:

Crenças sobre <i>Gramática</i>	Professores em Formação/ Ingressantes (%)	Professores em Formação/ do 3º semestre (%)
Normas que regem o uso correto da língua, oralmente e por escrito	67,5	51,5
Capacidade que os humanos possuem; sistema internalizado	–	21,2
Conjunto de estruturas e regras de uma língua	16,2	15,1
Área de estudo da Linguística; área que estuda o uso da linguagem	5,0	–
Livro que reúne e determina as regras de uma língua	8,8	6,1
Crenças desfocadas	2,5	6,1
Total	100	100

Quadro 2 - Comparativo das crenças sobre *gramática* apresentadas por professores em formação –ingressantes e do 3º semestre

A observação do quadro ajuda a interpretar que a crença sobre a *gramática* prevalente nos dois momentos de investigação, é aquela em que se mostra uma tendência a associar esse termo, estritamente, à gramática normativa. Transcrevemos, aqui, palavras de Travaglia (2005) para lembrar que a gramática normativa:

[...] apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a **correta** utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira. [grifo do autor]. (TRAVAGLIA, 2005, p. 30).

Se a crença do sentido estritamente normativo da *gramática* for assumida para orientar as práticas desses professores, não é exagerado pensar que eles seguirão práticas tradicionalmente arraigadas para o seu ensino, as quais têm por ritual: o exercício de reconhecimento e classificação de unidades morfológicas; análises de estruturas, a identificação de alguns usos da língua como “erros” e a supervalorizar a correção gramatical etc.

Notamos, ainda, que a crença no significado da *gramática* como um sistema internalizado, a qual não foi citada por nenhum participante no momento do ingresso, apareceu, no segundo momento, com um significativo número de indicações. Isso revela que durante os semestres cursados houve uma aproximação desses participantes com pressupostos teóricos que concebem esse construto a partir do enfoque gerativista, de base chomskyana, que concebe a língua como um dispositivo inato, atrelado à noção de competência linguística

em oposição à performance, ou seja, a capacidade de uso. Aos formalistas, desse modo, interessa a competência. A ideia da língua como dispositivo inato, de caráter sistêmico, exerceu, em muitos casos, influência sobre as crenças dos professores em formação no segundo momento da investigação. Tal influência, como podemos observar, é refletida sobre o que eles formulam a respeito da *gramática* nesse instante da formação.

É importante lembrarmos que nesse retrato feito das crenças do futuro professor de língua portuguesa, em períodos específicos da sua formação, foi possível observar que algumas crenças enraizadas não sofreram modificações, contudo, essa conservação não deve ser tomada como algo definitivo, isso não quer dizer que elas perdurarão até o final da graduação.

Acreditamos que é necessário favorecer aos professores em formação maior contato com as teorias que lidam com os conceitos que abordam a gramática como parte integrante dos processos discursivos, a fim de que possam desenvolver na sua atuação docente, um ensino da gramática que não esteja apenas centrado no estudo dos aspectos estruturais da língua.

Conforme nos mostra Antunes (2003), as práticas pedagógicas para o ensino gramatical devem, entre outras coisas, trabalhar em sala uma gramática que seja funcional:

Com isso se pretende privilegiar o estudo das regras dos usos sociais da língua, [...] de suas condições de aplicação em textos de diferentes gêneros. Deve-se propor, portanto, uma gramática que tenha como referência o funcionamento da língua, o qual, como se sabe, acontece não através de palavras soltas, mas apenas mediante a condição do texto. Assim o professor deve apresentar uma gramática que privilegie, de fato, a aplicabilidade real de suas regras, tendo em conta, inclusive, as especificidades de tais regras, conforme esteja em causa a língua falada ou escrita, o uso formal ou informal da língua [...]. (ANTUNES, 2003, p.96).

Evidentemente, o encaminhamento dos professores para essa discussão abrirá oportunidades para a conseqüente reformulação de suas crenças, isso é o que, primeiramente, pode aumentar a nossa expectativa de que o ensino da gramática a ser realizado por esses sujeitos nas aulas de língua portuguesa seja produtivo.

Considerações Finais

A realização desta pesquisa permitiu a identificação das crenças que professores em formação inicial cultivavam sobre *gramática* e os efeitos que as experiências no curso de Licenciatura em Letras Vernáculas, da UFBA, proporcionaram sobre essas crenças após dois semestres de formação.

O conjunto de crenças revelado por esses professores em formação, no ingresso do curso, deixou evidente que tais sujeitos possuíam um entendimento prévio sobre os significados do construto investigado. Esse saber não foi configurado isoladamente, mas é decorrente das suas vivências anteriores a esse processo de formação, tais como: as experiências pessoais (constituídas de seus antecedentes culturais e socioeconômicos, da relação familiar) e as experiências provenientes da sua participação em variados contextos de formação (extraídas dos processos educacionais enquanto aprendizes da língua portuguesa, do contato com seus professores, das palestras assistidas, dos cursos etc.).

Tais crenças possuem, de certo modo, laços com princípios constituídos pelas diferentes concepções de *língua*, as quais são evocadas, por vezes, de modo explícito ou implícito nas formulações desses sujeitos, nos significados que constroem.

Conforme mostraram os resultados dessa investigação, grande parte dos professores em formação chegou ao curso de Licenciatura em Letras Vernáculas trazendo um repertório de crenças, que agrega variadas significações sobre *gramática*.

No conjunto de crenças mapeadas, diagnosticamos que há o predomínio de afirmações que revelam que *gramática* representa as normas que regem o uso correto da língua.

Algumas crenças reveladas no primeiro momento são reiteradas, pois reaparecem, com força, no segundo momento. No conjunto de crenças mapeadas, constatamos que dentre as variadas afirmações apresentadas pelos professores em formação do terceiro semestre, prevalece aquelas em que se considera que *gramática* representa as normas que regem o uso correto da língua, oralmente e por escrito.

Mesmo depois de terem passado por um processo de formação, poucos participantes reformulam o modo de compreender esse construto. É revelado que grande parte das crenças desses sujeitos converge para perspectivas que ainda estão distanciadas de concepções que consideram o caráter discursivo, contextualizado e interacional da língua.

Em geral, o conjunto de crenças mapeadas nos dois momentos não sofre muitas mudanças, alterações mais significativas porque as crenças prevalecentes; acabam, de certo modo, sendo reforçadas e sofrem a influência das visões nas quais as abordagens dos componentes curriculares estão lastreados. Ou seja, a efetiva ênfase em abordagens sistêmicas e formalistas, que pouco refletem sobre a língua em uso e sobre as práticas pedagógicas futuras, criam o ambiente oportuno para que os professores em formação sedimentem certas crenças, uma vez que não refletem sobre outras perspectivas para a compreensão da língua como lugar de interação e, conseqüentemente, das outras dimensões a ela ligadas, como, por exemplo, a *gramática*.

Essa realidade mostra que se faz necessário possibilitar a esses sujeitos mais aproximações com outras visões, a fim de que possam refletir sobre quais princípios atuarão como um “leme”, orientando as suas ações em sala de aula. Como é ressaltado por Mendes (2010), nos cursos de graduação deve-se:

[...] dar condições ao professor em formação de conhecer, portanto, a evolução das ideias linguísticas, ter contato com teorias e práticas diversificadas e refletir sobre os objetivos que estão em jogo quando ele vai ensinar é prepará-lo para decidir, com autonomia e consciência crítica, que representações de língua e de linguagem estarão na base de suas ações [...]. (MENDES, 2011, p.12).

É válido ressaltar que nenhuma ação para o ensino da língua é descolada de um conjunto de princípios teóricos que trazem postulações e modos de conceber a linguagem, portanto, o professor em formação inicial precisa estar ciente de que a adoção de uma determinada concepção orienta, em grande parte, a maneira como será abordada a *gramática* nas aulas de língua portuguesa e traz consequências para a aprendizagem dos alunos.

Não podemos esquecer que as crenças não são estruturas rígidas, fixas, mas passam por ressignificações, e que o ambiente universitário é o contexto no qual podem vicejar discussões em torno da língua que propiciem interferências no sistema de crenças constituído e a construção de novas crenças. Lembramos, também, que podem ocorrer mudanças pela inserção e interação desses sujeitos em outros espaços, como nos explica Garbuió (2009):

[...] Na medida em que os professores ganham experiência, suas crenças são reformuladas a partir de seus encontros com outros professores, alunos e pais e mesmo o contato com a instituição onde o professor trabalha, além do contato com o livro didático. (GARBUÍO, 2009, p. 121).

Creemos que não convém deixar à margem formação do futuro docente a discussão sobre a atuação da língua como dimensão cultural e promotora da interação sociocomunicativa, visto que pode encaminhar revisões e prováveis mudanças nas crenças atreladas a concepções tradicionais, em que o conhecimento da língua ocorre pelo viés do estudo da sua estrutura.

Além disso, se faz necessário conscientizá-los de que uma nova configuração do ensino de língua portuguesa está atrelada a uma formação docente de qualidade. E, para isso:

[...] é necessário o professor estar em contato com outros sentidos de plausibilidade, o que quer dizer que o docente precisa ir a congressos, participar de projetos e de grupos de discussão, estar em contato com as pesquisas na área da Linguística Aplicada e fazer leituras relevantes, etc. (SILVA; ROCHA; SANDEI, 2005, p. 31).

O desafio que se coloca diante das instituições superiores que promovem a formação inicial de professores para o ensino da língua materna é favorecer-lhe esse suporte teórico, a sua integração em atividades dessa natureza e, mais do que isso, o conhecimento e a reflexão sobre as suas crenças.

Os professores em formação apontaram que essa investigação os ajudou a tomarem consciência sobre as suas crenças. A reflexão sobre as crenças parece não ser algo muito estimulado pelos seus professores. É importante lembrar que o professor precisa conhecer suas crenças durante a formação. Se isso for realizado, será importante para que esses sujeitos não acrescentem novas teorias às suas teorias informais sem analisar se são auxiliaadoras ou não da sua prática. Cremos que este estudo pode contribuir para que esses sujeitos se conscientizassem de suas crenças sobre *gramática*.

Vale a pena esclarecer, ainda, que a realidade da prática pedagógica é algo complexo, na qual ocorrem conflitos, problemas, obstáculos, os quais contribuem para que as práticas dos professores não espelhem suas crenças. Mas o levantamento das crenças, no processo de formação inicial, se faz necessário, pois representa o ponto de partida para que as entidades de educação superior possam alcançar mais informações sobre a formação dos graduandos no curso de Licenciatura em Letras Vernáculas e desencadear ações e investimentos para melhorar a qualidade da formação dos profissionais para o ensino de Língua Portuguesa.

Referências

ANTUNES, I. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas. Linguagem & Ensino*. Pelotas, RS, v.7, n.1, p. 123-156, jan./jun. 2004.

_____. Crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas: reflexões de uma década de pesquisa no Brasil. In: ALVAREZ, M. L. O; SILVA, K. A. (orgs.) *Linguística Aplicada: múltiplos olhares*. Brasília, DF: UNB - Universidade Federal de Brasília/Finatec; Campinas, SP: Pontes Editores, 2007, p. 27-69.

GARBUIO, L. M. *Crenças e desafios na prática do ensino de língua inglesa: experiências de alunos do curso de Letras*. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.sare.unianhanguera.edu.br/index.php/article/viewfile/pdf>>. Acesso em: 6.nov.2009.

MENDES, E. O conceito de língua em perspectiva histórica: reflexos no ensino e na formação de professores de português. In: LOBO, T. CARNEIRO, Z. et al. *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, K. A. Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas na Linguística Aplicada: um panorama histórico dos estudos realizados no contexto brasileiro. *Linguagem & Ensino*. Pelotas, v. 10, n. 1, jan./ jun. 2007. p. 235-271.

SILVA, K. A. Crenças no ensino-aprendizagem e na formação de professores de línguas: delimitando e atravessando fronteiras na linguística aplicada brasileira. In: _____. (org.). *Crenças, Discursos & Linguagens*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. v. 6., 2010.

SILVA, M. B. Novos horizontes no ensino de língua portuguesa: a formação do professor e o livro didático. In. MENDES, E.; CASTRO, M. L. S. (org.). *Saberes em português: ensino e formação docente*. Campinas, São Paulo. Pontes Editores, 2008.

SILVA, K.; ROCHA, C. H.; SANDEI, M. L. R. A importância do estudo das crenças na formação de professores de línguas. *Contexturas – Ensino Crítico de Língua Inglesa*. São Paulo, n.8, 2005.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Metodologia na investigação das crenças. In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA- ABRAHÃO, M. H. (Orgs.) *Crenças e Ensino de Línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.